

LINGUAGEM, CASA DO SER

Renner Olegário Lopes¹

RESUMO: A proposta que anima todo este trabalho se baseia na fundamentação da linguagem como fio condutor do pensamento a realidade, não sendo mero instrumento ou sistema de análise para a busca da veracidade de teorias. A linguagem vai além destas categorias existenciais e lógicas, como afirmava Heidegger (1979, p.214), “para sermos o que somos nós humanos permanecemos entregues ao vigor da linguagem, sem dele nunca podermos sair de maneira que pudéssemos vislumbrar esse vigor sob outro prisma.” A linguagem faz parte do nosso ser pessoa, em suas manifestações e ditames. Mas para afirmar isso, iremos decorrer em todo este trabalho, a história da ponderação acerca da linguagem no âmbito pragmático e analítico, seus principais representantes, suas contribuições e deslocamentos diante a verdade e a visão reflexiva da filosofia e seus resultados. Talvez possamos dizer ao final do trabalho que a grande obra da vida, se manifesta somente por meio de um quadro chamado linguagem com cores e texturas diversas, porém, procuram revelar sempre o belo; a linguagem seria então, o revelar do ser.

Palavras-chave: Linguagem. Ser. Realidade. Pensamento.

ABSTRACT: The proposition which supports this work is based on the definition of language as the wire which brings thought to reality, being not merely an instrument or a system of analysis for pursuing the truth of the theories. Language goes beyond these logical and existential categories, as Heidegger (1979, p. 214) states, “for us to be who we are, we humans remain subject to the vigor of language, not being able to come out of it and get a glimpse of this vigor under a different perspective”. Language is part of our being as persons, in its manifestation and drives. But to state that, we are going to discourse through this work the history of thought on language in pragmatic and analytic ambits, their main representatives and their contributions and dislocations before the truth, and the reflective view of philosophy before all these problems and their results. Maybe it will be possible to say, at the end of this work, that the great work of life manifests itself only by means of a painting called language, with its colors and various textures, but always seek to reveal the beautiful; language would be, then, the revelation of being.

Keywords: Language. Being. Reality. Thought.

¹Graduado em Filosofia pela Faculdade Serra da Mesa (FASEM), Uruaçu-Goiás. E-mail: rener.pneu@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

A relação entre palavras e mundo, linguagem e realidade, foi tratada, e permanece aberta tal discussão, devido a sua grande influência e determinação arquitetada diante da existência humana. A construção da realidade, para muitos, só é afirmada e constatada devido a linguagem. Frente as discussões dos filósofos e linguistas, a linguagem não só representava a realidade, mas também seria certa co-construção desta realidade.

Contudo, diversas outras construções de pensamento a respeito deste tema foram elaboradas desde a visão de Platão.

Desde *Crátilo* de Platão, a linguagem é considerada como instrumento secundário do conhecimento humano. O mundo conhecido reflete-se valendo-se de frases da linguagem. Há, pois, uma relação entre linguagem e mundo, realizada por meio do caráter designativo da linguagem: as palavras são significativas na medida mesma em que designam objetos (IF 1, 27, 40). Para saber qual é a significação de uma palavra qualquer, temos de saber o que é por ela designado. (OLIVEIRA, 2006, p.119).

Esta percepção sobre a linguagem como sendo reflexo e demonstração da verdade das coisas, torna-se de modo peculiar o uso da linguagem como base estrutural para a realidade. A linguagem seria, então, uma visão intersubjetiva, pragmática e construtora de ideologias. Esta última visão torna íntima a relação homem/realidade/pensamento. Para Manfredo Oliveira (2006), a linguagem sempre foi considerada pela visão tradicional como uma mediação necessária. Nesse sentido, poder-se-ia falar que a linguagem é condição de possibilidade da comunicação do resultado do conhecimento humano. Assim, toda a manifestação da realidade é estruturada pela linguagem e denominada real devido ao esclarecimento direto e lógico da percepção da realidade. A realidade transforma a estrutura ontológica do real em uma estrutura linguística simbólica, a relação entre realidade e pensamento torna-se eficaz diante da linguagem.

Já que a linguagem não passa de um reflexo, de uma cópia do mundo, o decisivo é a estrutura ontológica do mundo que a linguagem deve anunciar. A essência da linguagem depende, assim, em última análise, da estrutura ontológica do real. Existe um mundo em si que nos é dado independentemente da linguagem, mas que a linguagem tem função de exprimir. (OLIVEIRA, 2006, p.121).

Wittgenstein radicaliza a estruturação e análise desta forma lógica da linguagem como formadora da realidade na sua primeira obra *Tractatus*, porém, renova-se na verificação e verdadeira constituição da linguagem, o uso, na sua segunda obra, *Investigações Filosóficas*. Mas, como bem vimos, a produção da linguagem com estruturas gramaticais, semânticas e lógicas, nada adianta se não estiver localizada em uma realidade presencial de um ser racional que a comunica. Esta visão, que podemos chamar de dualista entre realidade e sujeito, acerca da linguagem, torna esta representação visível a sua análise. Contudo, não se pode resumir a linguagem à simples identificação e decodificação da realidade, é preciso reconhecer que o sujeito pensante tem características distintas dos outros animais, e assim pode anunciar a si, pode expressar o seu ser.

No reconhecimento deste ser que comunica dentro, diante e para a realidade, a linguagem possui o elo determinante para a formação dos significados, usos e ações sobre contextos e afirmações cosmológicas. Podemos afirmar que a linguagem, une tratados nítidos e essenciais da Filosofia, Antropologia, Cosmologia, Gnosiologia, Ética e Metafísica. Mas isso, só pode ser afirmado devido a linguagem ser, a construtora e cineasta da realidade, pois a linguagem apresenta a realidade, por meio do autor e diretor principal, o homem, como verdadeira e única expressão formal, material, artística e real dos acontecimentos fora e dentro do homem, desde seus sentimentos, pensamentos a fatos históricos e ordinários da vida humana.

Deparamo-nos com a linguagem como um retrato da própria realidade do ser, este, que se encontra em formação e descobrimento de suas potencialidades, um homem “capaz de construir as linguagens nas quais cada sentido deixa exprimir [...] a linguagem corrente forma parte do organismo humano e não é menos complicado que ele” (TLP 4.001). Como também afirma Aristóteles, em sua obra *De interpretatione*: “As letras escritas são uma amostragem dos sons da voz. Os sons da voz são uma amostragem das afeições da voz. As letras escritas e os sons não são iguais para todos os homens. Mas o que os sons e as letras mostram são as feições da alma e as coisas. E tanto estas como aquelas são iguais para todos.”

Ambas as colocações destes filósofos, demonstram tão grande declaração do poder das palavras que manifestam na realidade, o ser que o homem é, constrói e com o qual se relaciona, referem-se à constituição do ser, sua fundamentação histórica e sua relação social. Como bem disse Diógenes Laércio, no século III: “A linguagem é a voz que manifesta aquilo que a coisa era ou é”. Vemos que a linguagem tem primazia sobre a realidade, devido à interação e constituição própria do homem com o mundo e com os demais que nele vivem.

Uma linguagem construtora e ao mesmo tempo destruidora, esta pode demonstrar a realidade, mas também pode desfigurar toda uma verdade. Como o sofista grego, Górgias, em sua obra *Elogio de Helena* dizia, “com a palavra se fundaram as cidades, se fazem portos, se comanda exércitos e se governa o Estado”. Com a palavra se findou o extermínio de povos por meio das guerras, a corrupção de valores e virtudes, a falta de diálogos entre pais e filhos. Por fim, o homem não se conhece mais devido a sua falta de diálogo consigo, a falta de autoconhecimento, não consegue mais expressar o ser, pois não sabe, hoje, nem mais quem ele é, homens ou mulheres, animais ou objetos. Atualmente, esta palavra que define, conceitualiza, determina, se transforma diante de contextos e épocas. Inclusive, idéias, conceitos que não poderiam jamais mudar: vida, amor, amizade, justiça, verdade. A Filosofia trata de conceitos; altera-se, apresenta novas definições, contudo, em seu propósito primordial e final tem como meta unificar e abarcar todo o pensamento sobre uma realidade, e sempre usará a linguagem como unificadora e consolidadora de suas teses, nisso podemos afirmar que continuamente há esta busca de conceitos universais e perenes.

Tais conceitos, que são considerados “eternos”, independente da época, de quem os fala, dos jogos de linguagem que são usados, conceitos que iluminam a humanidade, não podem mudar, devido a esta força e poder que a palavra, a linguagem, tem diante da realidade. A linguagem tem caráter de construtora da realidade, em razão de estar intimamente ligada ao seu uso e sua edificação na existência humana por meio dos significados que ele concede a realidade.

2 SIGNIFICADO E USO DA LINGUAGEM

A percepção ocorrida no seio da Filosofia Analítica, onde todas as verificações e resultados devem ser feitas e unicamente obtidas diante de métodos sistemáticos e lógicos, sobre a linguagem e sua construção, foram pouco a pouco, saindo do âmbito real e caindo na área de ideais e esquemas matemáticos, adentrando em colapso lógico. Isso porque os resultados e planos se perdiam nos métodos e esqueciam-se da experiência, da realidade, do contexto no qual a linguagem se instaura e comunica.

Surge então na área da Filosofia da Linguagem, um olhar voltado para o estudo da realidade e sua ligação com a linguagem, a Filosofia Pragmática. Esta se fundamenta em autores que consolidam a utilização da linguagem como necessária para o entendimento, percepção e significação dos fatos e sua veracidade, pragmática e semântica. Foram os principais pensadores nesta linha de ideias: J. Habermas (1929), K. O. Apel (1922), Charles

Morris (1901-1979), William James (1842-1910), Charles Sanders Peirce (1839-1914), John Dewey (1859-1952), entre outros. No decorrer do trabalho, entretanto, especificamente na área da linguagem, comentaremos a segunda retomada do pensamento de Wittgenstein (Investigações Filosóficas); John Langshaw Austin (1911-1960) e John Roger Searle (1932), com sua teoria dos Atos de Fala.

Na perspectiva do uso ordinário da linguagem, esta visão pragmática seria a solução para os problemas contextuais de significação de alguns fatos e conceitos. Este método de estudo usa a linguagem como mero instrumento de comunicação, na qual existe e acontece a interação entre a realidade e sujeito falante. Ele é dependente de certo uso de expressões próprias de meios, situações sociais, culturais, históricas, sendo a linguagem não considerada natural ao homem, mas simplesmente ferramenta para sua comunicação. Para Wittgenstein “a linguagem é uma atividade humana como andar, passear, colher, contém uma relação íntima entre linguagem e ação, não podendo separar a linguagem do agir humano e assim vice-versa” (OLIVEIRA, 2006, p. 138).

Já a semântica seria o estudo dos significados e de como acontece esta relação entre “coisas” e sujeito e seu entendimento íntimo enquanto significado. Podemos entender melhor o termo “significar” nas seguintes elucidações.

Possibilidade de um signo referir-se a seu objeto. Os aspectos (condições) fundamentais do significado são dois: 1. Unir nome, conceito ou uma essência usados com a finalidade de delimitar e orientar a referência. 2. O objeto ao qual o nome, o conceito ou a essência se referem. Os dois aspectos são inseparáveis; o segundo é função do primeiro porque é o nome ou conceito que determina a que o objeto pode ser o mesmo, ao passo que o nome ou conceito usado para a referência é diferente, como no caso de “Alessandro Manzoni” e “autor de *Os noivos*” que se referem ao mesmo objeto, mas são nomes diferentes. (ABBAGNANO, 2000, p.890).

Percebemos que o significado determina a classe dos objetos, enquanto se diz o termo que pode ser utilizado para uma referência e, quando se indica as propriedades possuídas pelos objetos que o termo se refere e também, podendo referir à extensão dos significados.

A estrutura pragmática ou semântica proposta para o uso e significação da linguagem, é perceptível, que tem como fim a compreensão, a comunicação, o conhecimento e a afirmação do homem. Podemos assinalar a dois modos distintos, o trabalho da semântica

(significado) e a pragmática (uso) que pode ser uma disputa estéril, se não forem consideradas a importância e as funções linguísticas que ambas direcionam em prol do conhecimento humano.

As duas são modos diferentes de trabalho, contudo, são duas *faces da mesma moeda* como afirmava de Saussure (1857- 1913). Marconi Oliveira da Silva, afirma o grande valor da linguagem independente de seus aspectos de observação:

Está aquém de toda ordem e/ou desordem de qualquer tipo, natureza ou nível; a linguagem é a possibilidade, em sentido transitivo de possibilitar, dar o poder ou tirar o poder de toda a discriminação e indiscriminação. A linguagem é o princípio de continuidade e manutenção para toda esta estrutura. (2012, p. 58).

A estrutura da linguagem, estudada pela semântica, pela pragmática, em outros termos, não se resume somente a instrumentos precários e frágeis de representação e significação da realidade, vai além da nomeação dos objetos dados pelo sujeito. Estes aspectos não serão mais importantes e valiosos que a realidade da linguagem, enquanto expressão ontológica do ser. A semântica e a pragmática contribuem juntas para a complementação da linguagem, pois se resumíssemos a linguagem a pequenos instrumentos ou objetos de significação, seria como reduzir toda a amplitude da linguagem a meros contextos ou a simples definições. Sem a linguagem, não haveria estruturas, regras, usos de ato de fala, não haveria o pensamento, não haveria relação com a realidade.

O mérito dos filósofos da linguagem, principalmente Wittgenstein, comentado por Oliveira (2006), foi à abertura de novas perspectivas para a consideração da linguagem humana, embora, sua perspectiva metodológica o tenha impedido de chegar a uma visão sistemática na investigação filosófica da linguagem cotidiana, contudo elevou a realidade linguística e procurou a essência da linguagem.

A filosofia da linguagem ganhou grande ascensão no final do século XIX, devido a sua atenção voltada para a realidade e sua significação, tendo a relação realidade/linguagem, definida pelo uso e distinção das entidades, tornando-se, assim, imprescindível para a compreensão humana sobre as coisas. Assim, a linguagem não é uma cadeia, uma estrutura fechada em regras e normas lógicas, porém, é ressaltada a importância do contexto para que possa dar-se o uso desta linguagem, ocorrendo uma atividade linguística, trocas semânticas e

pragmáticas, ou seja, uma intersubjetividade, levando a um sucesso argumentativo em busca da verdade.

Completamos, afirmando que a linguagem seria esta atividade atuante no mundo, e não somente códigos, regras, sistemas para traduzir o pensamento em signos e conceitos. A realidade se completa com a linguagem devido à composição destes estados de coisas, jogos de linguagem, atos de fala, normas lógicas, usos e interpretações do homem. Não podem existir códigos e normas sem o uso, não podem existir os atos de fala sem estruturas linguísticas e lógicas, não podem existir o pensamento e interação com a realidade sem a linguagem.

2.1 O PRAGMATISMO

Iremos desenvolver mais sobre a pragmática, devido a completude que ela construiu no desenvolvimento da história da filosofia e a suas grandes interferências na formação, moral, social e cognitiva.

Um dos grandes idealizadores do pensamento pragmático foi Charles Morris em 1938, com o grande advento dos estudos sobre a linguagem e sua influência em determinados âmbitos intelectuais, como o Círculo de Viena e o próprio estudo da Filosofia Analítica, entre outros. Como já foi mencionado, o estudo da pragmática tem como finalidade o uso da linguagem em seus diferentes contextos e fatos, na diversidade de situações, fundamentando o uso da linguagem e seus desdobramentos.

Neste estudo da pragmática reconhecemos duas linhas principais de reflexão: uma contextualista, que considera o contexto como motivo de determinação e significação da realidade por meio da linguagem, e outra que considera a linguagem como ação ou realização de atos. Seria a afirmação “dizer é fazer”, o significado só pode ser originado diante do ato que for exigido pelas regras e configurações próprias para a realização da atividade.

Teremos como mentores destas ideias o segundo Wittgenstein, em sua obra *Investigações Filosóficas*, e o filósofo Austin, em sua teoria dos Atos de Fala, com a concepção performativa de linguagem.

Devemos compreender, de modo direto o que são os jogos de linguagem em Wittgenstein e sua posição e assentamento na realidade. Para uma grande classe de casos de utilização da palavra “significação” – se não para todos os casos de sua utilização – podemos explicá-la assim: a significação de uma palavra é seu uso na linguagem (IF, 43). Neste uso em determinados estados de coisas, formas de vidas ou fatos, sempre serão utilizadas

determinadas regras que direcionam as proposições, estas são a representação da subsistência ou não dos estados das coisas (TLP 4.1).

Esta visão de Wittgenstein supera de modo singular, inovador e especial, todas as outras visões tradicionais comentadas sobre tal assunto. Para ele, há diferentes contextos, formas de vidas, e a esses contextos, conseqüentemente, seguem-se distintas regras de jogos de linguagem que podem definir, dar significado e sentido às expressões. O jogo de linguagem torna-se uma unidade funcional, feita pelo homem para posicionar-se na realidade.

Mesmo seguindo as mesmas regras, ninguém joga do mesmo modo. [...] Na linguagem, para o filósofo austríaco, só apreendemos a significação das palavras quando sabemos operar com elas, isto é, quando internalizamos as regras de seu uso nos diversos jogos de linguagem. É jogando o jogo que aprendemos suas regras. (OLIVEIRA, 2006, p.144, 145).

Os jogos de linguagem estimulam a compreensão da realidade e como apreendemos a verdade dos significados. Porém, estes jogos de linguagem variam entre diferentes comunidades. A comunicação torna-se parte da vida com seus momentos e diferenças. Esta interação entre falante e ouvinte depende muito do contexto em que eles estiverem inseridos; a palavra “pule”, pode representar diversas interpretações diante do contexto, para uma criança que está pulando corda, para o suicida, para o acrobata, por exemplo. Nunca podemos generalizar um termo, pois não será aplicado da mesma forma a todos os casos.

Estes jogos de linguagem não ocorrem em contextos particulares, mas devem exigir um contexto com uma comunidade que compartilha as mesmas regras, como um jogo de futebol, basquete. Para Wittgenstein, isso se chama de “semelhança de família”, pois assim se envolvem e se cruzam as diferenças e semelhanças que existem entre os membros de uma família: estatura, traços fisionômicos, cor dos olhos, o andar, o temperamento, etc. e digo: os “jogos” formam uma família (IF 67). Para ele, a linguagem é um instrumento, seus conceitos são instrumentos (IF 569), as palavras teriam sentido somente quando tivessem algo para conseguir, uma intenção, um fim; a linguagem é apenas meio para este fim, a significação ocorre devido ao fim. Quando digo, “Ande!”, trata-se de uma ordem que precisamente tem uma intenção para alcançar um fim.

Há duas funções específicas destas regras nos jogos de linguagem: a primeira seria para construir convenções com suas determinadas regras afirmando costumes e hábitos

singulares e a segunda, seria desempenhar um papel de legitimação, de afirmação de certas práticas, de usos devido às regras pragmáticas impostas pelo falante.

Já em outra perspectiva, a ação que a palavra desempenha sobre a realidade foi comentada de modo sistemático com Austin e Searle, com o termo dito Atos de Fala. Podemos dizer que esta é a forma que melhor denomina a pragmática, devido a sua relação direta com a realidade e sua relação metódica com outras correntes de pensamento, como a Psicologia, as Ciências Sociais, as Teorias de Comunicação.

Para Austin, diferente de Wittgenstein, a linguagem não é considerada como simples instrumento interpretativo do mundo, mas é, sim, uma linguagem ativa e formadora de toda a realidade, pois nela há um caráter íntimo e construtor de um contexto, e isso é próprio da constituição da linguagem. Austin descreve a linguagem com alguns atributos, como performativa ativa e a constativa/descriptiva. A performativa ativa diz respeito à ação que a linguagem irá desempenhar na realidade, já a constativa/descriptiva seria a linguagem possuidora de valor e verdade que pode verificar e atribuir no mundo físico.

Os atos que executamos por meio dos enunciados performativos executam ações convencionais, ou seja, são executados na medida em que cumprem normas intersubjetivamente estabelecidas. Eles são atos precisamente na medida em que cumprem essas normas e não em virtude de intenções próprias do sujeito. (OLIVEIRA, 2006, p. 154).

Nesta realidade, não se valoriza a intenção, o fim que tem a linguagem, e não se trata de dizer se é verdadeira ou falsa, mas de analisar como estão as condições que favorecem a linguagem e a realidade, se foi ou não realizado o devido ato. Mas, Austin não se contentou com tais explicações destas formas de análise, ele decidiu fundamentar e explicar de modo mais claro toda esta relação, realidade e linguagem por meio de três dimensões articuladas: o ato locucionário, o ato ilocucionário e o ato perlocucionário.

O ato locucionário diz respeito a regras gramaticais que, proferidas por alguma sentença, mencionam algo que tem sentido e referência. O ato ilocucionário realiza o ato de proferir, este podendo ser considerado performativo, como: “Hoje faz calor!”, “Lhe pagarei a conta”; tais enunciados realizam ações da palavra dita. Como o próprio Austin dizia, “minha palavra era o meu compromisso”. E por fim, o ato perlocucionário seria a consequência, a ação resultante diante da palavra que foi proferida, realizada, e agora devidamente dotada de resultados bem ou malsucedidos. Resultaria daí, como Austin denomina, de doutrina da

felicidade, que, diante do ato de fala realizado, procederia a efetivação e cumprimento de tais realidades de modo feliz ou infeliz, não mais sendo verdadeiro e falso.

Diante das declarações de Wittgenstein em sua obra, ou de Austin com suas formas performativas, podemos considerar que ambos conduziram, tentaram, esforçaram-se para chegar, à verdade na linguagem. A pragmática se fundou na realidade para dizer o que seria a verdade e qual sua importância para a linguagem. Mas, este resumo pragmático, dito por estes dois filósofos, também reduziu a linguagem aos moldes da realidade, como fez a filosofia analítica; reduzindo e havendo a dependência da linguagem a regras sistemáticas e lógicas para dizer a realidade das coisas. A afirmação que a linguagem poderia ser construtora, formuladora da verdade, da verdade das coisas, verdade das afirmações éticas, verdades ontológicas, torna-se visível quando nos referimos à linguagem como expressão, mediação e esclarecimento dos entes.

2.2 SERIA A LINGUAGEM FORMULADORA DE VERDADE?

A verdade no âmbito pragmático relativiza, reduz e distancia a ideia de universal diante da realidade humana. Neste sentido, a Metafísica e a Ética – ciências que buscam a compreensão da verdade na realidade – ficam prejudicadas ou até excluídas das discussões linguísticas em sua formulação central devido ao objeto de estudo destas áreas serem universais e de certo modo ideais. Mas, devemos constatar que tais ciências usam a linguagem para a demonstração de seus enunciados e afirmações.

A palavra designa, precisamente, não a coisa individual, mas o comum a várias coisas individuais, ou seja, sua essência. Para a metafísica clássica, o conhecimento verdadeiro consiste na captação da essência imutável das coisas, o que precisamente, é depois comunicado pela linguagem. A diferença entre sensibilidade para o entendimento e a razão consiste na passagem do mutável e transitório para o permanente, imutável, ou seja, aquilo que constitui as coisas em seu ser próprio: a essência. Sem conhecimento da essência não há, para tradição, conhecimento propriamente verdadeiro. (IF 72, 73, 74) (OLIVEIRA, 2006, p. 121).

O reconhecimento da verdade diante da linguagem torna-se possível devido à percepção da existência de um ser, uma forma, uma essência que direciona e edifica as coisas, expressadas pela linguagem. Discutir, construir ideias sobre conceitos universais como vida, família, sexualidade pode ser possível, porém, jamais descartadas, pois nelas se revelam a

essência do que são. “A essência da linguagem depende, assim, em última análise, da estrutura ontológica do real” (OLIVEIRA p.121). A fundamentação do ser e da existência como ente real, nos comunica por meio da linguagem e é expressiva. Neste sentido, a linguagem se consolida como expressão do ser, enquanto tal, e distinção das demais coisas, pois, estas não contêm consciência e, nem expressão por meio da linguagem como sentimentos, formas lógicas e a própria realidade.

Procuramos demonstrar a grandiosidade da linguagem não superior à verdade, mas como grande expressão, notificação da verdade, podendo desvelar todas suas matrizes na realidade. O grande problema surge quando se considera o contexto, o ambiente superior à linguagem, sendo a verdade do sujeito dependente do ambiente, assim expressá-lo seria uma forma de relativismo. Quando afirmamos esta dependência do ambiente para a formulação da verdade, salientamos a ocorrência de alguns erros da expressão da natureza das coisas. Quando admitimos em uma determinada ocasião que “pessoa” tem um significado e em outro momento o uso deste termo tem outro significado, corremos o risco de não reconhecermos a realidade como tal, mas sim, a deformação desta e, por conseguinte, da verdade que deveria ser expressa com clareza e ligação essencial com o ser do ente.

A linguagem seria uma espécie de paradigma que estabelece esta união entre realidade e pensamento, é a ponte condutora, a ligação necessária entre mundo cognitivo, real e linguístico. Como já dissemos, a linguagem como essa força criadora, delimitadora, motivadora, torna-se uma constituição fundamental do ser, de modo único e esplendoroso, perante a realidade humana. Este homem que tem consciência da realidade das coisas e da sua, tem tal capacidade de expressar, usar e analisara realidade por meio da linguagem. “A linguagem não é puro instrumento de comunicação de um conhecimento já realizado, é, antes, condição de possibilidade para a própria constituição do conhecimento enquanto tal” (OLIVEIRA, 2006, p. 128).

Nesta elucidação mencionamos a linguagem como força, o conhecimento do ser dotado de expressão e construção de uma linguagem sobre a realidade, e como exaltação desta faculdade cognitiva que influencia a realidade permanecendo em fusão com o conhecimento. Como já citamos, a linguagem seria esta ponte condutora do pensamento e realidade. Podemos até nos referir analogamente à criação do mundo por um Deus que usou da palavra para criar.

Deus disse “Faça-se a luz!” E a luz foi feita [...] Deus disse: “Faça-se um firmamento entre as águas, e separe ele umas das outras”. Deus chamou ao elemento árido terra, e ao ajuntamento das águas mar. E Deus viu que isso era bom. (Gênesis 1 3, 9-10).

A palavra é construção e demonstração nítida da realidade ontológica das coisas, uma interação entre as pessoas e as “coisas”, interação de realidade e pensamento, interação de pessoas, interação entre o cosmos e o homem; a linguagem nos possibilita a percepção “executante”, como afirmava Austin, isso devido a seu caráter de construtora, não só para descrição do mundo, mas como revelação do ser e sua atuação no mundo.

3 DESDOBRAMENTOS TEÓRICOS - ÉTICA E LINGUAGEM

Quando nos referimos à ética devemos entender o termo no seguinte sentido: estudos filosóficos direcionados a leis morais que regem a conduta humana em um meio social. Mas devemos reconhecer o direcionamento da ética em duas vertentes: “determinam a natureza necessária do homem e deduzem de tal natureza o fim para o qual sua conduta deve orientar” (ABBAGNANO, 2000, p. 380). Neste aspecto, os atos humanos devem conduzir ao bem próprio do outro e à realização do ser.

Neste ponto, iremos discutir algumas questões de importância em relação à filosofia da linguagem e seus respectivos comentários sobre a afinidade entre ética e linguagem. Para isso, tomamos como base a afirmação peculiar da expressão do ser de Martin Heidegger e Walter Benjamin e a instrumentalização, o uso da linguagem em Wittgenstein, diante desta tão sublime relação entre duas torres ligadas pela realidade humana, a ética e a linguagem.

A relação entre linguagem e ética torna-se uma compreensão mais conflituosa devido a verificação e comprovação de alguns resultados, efeitos dados pela ciência e pela filosofia moderna e contemporânea, como, a rigidez na análise de proposições, esquecimento de princípios metafísicos e a ética como algo surreal. Um exemplo nítido deste conflito entre ética e linguagem foi Ludwig Wittgenstein em sua primeira obra, na qual ele afirma que a ética não poder ser dita como ciência, pois ela vai além dos limites da linguagem, não podendo ser verificada, examinada ou ser plausível de veracidade, pois a linguagem é instrumento que caminha para a realidade utilitarista dos fatos. Porém, ele mesmo reconhece que a ética é um fator profundamente determinante para a realidade humana, não podendo ser

descartada. Isso é demonstrado na Conferência sobre ética em 1929/30, na qual Wittgenstein pronunciou-se sobre o tema.

A Ética, na medida em que brota do desejo de dizer algo sobre o sentido último da vida, sobre o absolutamente bom, o absolutamente valioso, não pode ser uma ciência. O que ela diz nada acrescenta, em nenhum sentido, ao nosso conhecimento, mas é um testemunho de uma tendência do espírito humano que eu pessoalmente não posso senão respeitar profundamente e que por nada neste mundo ridicularizaria.

Expressado muito bem na sua obra *Tractatus*, que diz “por isso não pode haver proposições da ética. Proposições não podem exprimir nada além” (TLP 6.42); e continua, “é claro que a ética não se deixa exprimir. A ética é transcendental” (TLP 6.421).

Fazer a linguagem funcionar como discurso ético é definir, produzir realidades, significar e ressignificar o mundo, as pessoas que nele habitam, as relações de força que as une, infelizmente Wittgenstein não se posiciona sobre a definição e uso da ética na realidade.

Mas, a grandeza encontrada nesta relação se enriquece nos comentários dos filósofos Martin Heidegger e Walter Benjamin que encontram na ética a visualização da linguagem voltada ao ser, ao outro e, logo, à conduta humana.

Quando se reconhece que a linguagem é uma atividade própria do homem, de sua expressão, e não um mero instrumento, a localização ética e moral do homem sempre se realizam no outro, “a comunicação tem de ser compreendida a partir da estrutura do *ser-aí* como ser com o outro” (DUARTE, 2005 apud, HEIDEGGER, 1988, p.5). Esta constatação vislumbra a existência do homem e sua relação diante do outro, que também é linguístico, não resumido as análises lógicas ou contextuais, mas sim, na relação que se compreende o ser. Esta ligação do ser no outro e a linguagem é de “compreensão mais profunda e íntima das coisas²”, que até quando silenciemos nós dizemos, como afirma Heidegger.

O homem fala. Falamos quando acordados e em sonho. Falamos continuamente. Falamos mesmo quando não deixamos soar nenhuma palavra. Falamos quando ouvimos e lemos. Falamos igualmente quando não ouvimos e não lemos e, ao invés, realizamos um trabalho ou ficamos à toa. Falamos sempre de um jeito ou de outro. (HEIDEGGER, 2003, p. 7)

²Benjamin, “Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem humana”, p.180.

Dizer algo ao outro é resplender o seu ser, e quando dizemos ao outro, estamos nos orientando à conduta do reto agir, quando nos referimos à intencionalidade, a revelação da verdade e sua constituição afirmamos, com Aristóteles, a realização do ser, do homem que tende a um fim: o bem.

A linguagem não é um instrumento, mas uma capacidade individual e ilustre do ser humano, pois o homem, ao dizer, se mostra, manifesta o ser que é único, um deixar mostrar-se de suas especificidades e denominações, qualidades e deficiências, essência e existência.

Walter Benjamin, por sua vez, procura estabelecer esta constituição e denominação do ser, como expressão deste ser com conteúdo espiritual, dizendo “não há evento ou coisa, tanto na natureza animada, quanto na inanimada, que não tenha de alguma maneira, participação na linguagem, pois é essencial a tudo comunicar seu conteúdo espiritual” (BENJAMIM, 2011, p.51).

Quando o filósofo judeu fala sobre este conteúdo espiritual ele se refere à constituição das coisas, à essência, tudo comunica – seres animados (homens, animais) e inanimados (mundo) que existem e se manifestam – sendo o homem, capaz de perceber e vislumbrar a grandiosidade da linguagem. O papel da filosofia, então, seria reconhecer a expressão da verdade das coisas pela linguagem, sendo esta última, a eternização dos momentos deste ser que comunica.

A “manifestabilidade do ser”, como afirma Heidegger, pode possibilitar a relação de vizinhança com os demais seres; se a linguagem é casa do ser, o outro se torna sempre meu vizinho de presença ativa e afirmativa do *ser-aí*. Em sua obra *Cartas sobre o Humanismo*, o filósofo alemão, reconhece uma ética originária, proposta para a proximidade da ética do outro, um acolhimento, uma alteridade visível, devido a linguagem. “Evidentemente, só há vizinhança porque há outro que mora na proximidade; no entanto, pensar a vizinhança e a proximidade numa chave pós-metafísica” e ética. (DUARTE, 2005, p.18)

Para valorizarmos a ética, que se consolida na linguagem, tal como nas propostas acima, com os pensadores Walter Benjamin e Martin Heidegger, devemos partilhar a ideia de respeito, responsabilidade, alteridade, verdade, bondade para com o próximo e, assim, em todas as nossas atitudes. Podemos, então, “pensar e agir no sentido de uma ética do deixar-se, capaz de deixar o outro ser livre para poder ser mais próprio” (DUARTE, 2005, p.20) e não reduzir o homem a máquinas conceituais de análise lógica, tampouco a seres históricos que brincam de jogos de linguagem para determinar a verdade diante do contexto; reconheceríamos o homem como ser ético e dotado de um ser que responde a sua essência, um responder que só é possível devido à linguagem. A relação do homem (capaz de

raciocinar e perceber), do ser (presença existencial), do mundo (os outros seres racionais e as coisas) com a linguagem, afirmam uma verdade ditatorial, que o ser é, por essência, linguístico.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A linguagem evolui em suas estruturas, sistemas, usos e reflexões levando à possibilidade de pensarmos em temas que ela pode vir a influenciar, como: a construção de pensamentos, a realidade e até a verdade das coisas. Por um lado, isso traz benefícios, pois reconhecemos na linguagem seu papel fundante e delimitador, por outro, reduz tudo à linguagem, a verdade, a ética, a metafísica, a vida, entre outros conceitos. Esta concepção de linguagem deve ser analisada e discutida para que não haja erros nas determinações e expressões que a mesma pode dar às ideias e, a condução autêntica para a realidade. Em vista disso, a linguagem se torna elo essencial para a consolidação e expressão da realidade, sucedendo a um envolvimento íntimo entre estes dois aspectos, conduzindo o ser humano a seu reconhecimento e certeza do ser dotado de linguagem ontológica.

Nesta perspectiva, o homem se encontra em constante desvelamento de suas emoções, sentimentos, pensamentos, medos, afirmações, que são expressas na vida e nas experiências para outros indivíduos existentes. A linguagem expressa o ser ontológico real do homem demonstrando seus valores e os fundamentos de sua existência.

Segundo uma tradição antiga, nós somos os seres que falam e que por isso já possuem a linguagem. No homem, a faculdade de falar não é só uma capacidade que se põe ao lado das outras, no mesmo plano das outras. É a faculdade de falar que faz o homem como homem. Este traço é o perfil de seu ser. O homem não seria homem se não lhe fosse dado falar, se não fosse capaz de dizer: É – sem interrupção, por qualquer motivo, em referência a cada coisa, em formas variadas, o mais das vezes calando. Enquanto a linguagem concede esse favor, o ser do homem repousa sobre a linguagem. (HEIDEGGER, 1979, p. 191).

Podemos afirmar nestas considerações do homem como ser linguístico, um grande mistério de sua formação e expressão, constituição e denominação, no mundo. Na comunicação de um com os outros, temos a razão de nosso existir. Sabendo que somos seres dotados de pensamentos e envolvidos em uma realidade, a linguagem, então, seria esta ponte unificadora e real, de toda a revelação humana no mundo.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Órganon**. Tradução do grego e notas de Pinharanda Gomes. Lisboa: Guimarães Editores, 1987.

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 4 edição. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BENJAMIM, Walter. **Sobre a linguagem em geral e a linguagem do homem, in: Escritos sobre mito e linguagem**. São Paulo: Duas cidades, 2011.

DUARTE, André. Heidegger e a linguagem: do acolhimento do ser ao acolhimento do outro. **Natureza Humana**. V.7, n.1, p. 129-158, jun. 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1517-24302005000200004&script=sci_abstract>. Acesso em: 24 de outubro de 2014.

_____. HEIDEGGER, Martin. **O Ser e o Tempo**. Petrópolis, Vozes, 1998.

_____. **Carta Sobre o Humanismo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

_____. **A caminho da linguagem**. Petrópolis: Editora Universitária São Francisco, 2003.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1º edição. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

OLIVEIRA, Manfredo A. de. **Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea**. 3º edição. São Paulo: Loyola, 2006.

SILVA, Marconi Oliveira da. **Wittgenstein: para além da linguagem agostiniana**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.

WITTEGSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. São Paulo, São Paulo: Nova Cultura, 1999.

_____. **Conferência sobre ética**. In Darlei Dall’Agnol *Ética e Linguagem*. 3 edição. Florianópolis. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2005.

_____. **Tractatus Logico – Philosophicus**. Biblioteca Universitária vol. 10, serie 1, **Tractatus Logico – Philosophicus**. Biblioteca Universitária vol. 10, série 1, São Paulo, 1969.